

Eça de Queiroz
Entre os Seus

APRESENTADO POR SUA FILHA

CARTAS ÍNTIMAS

CAMINHO

PREFÁCIO

Em Outubro de 1884 Eça de Queiroz passou na Praia da Granja alguns dias com a família da Condessa de Resende, que ali se encontrava a banhos. Numa partida de bilhar perdeu, para uma banhista, a aposta de um leque. Segundo a tradição, essa banhista era Emília de Castro, sua futura mulher. De acordo com o relato de Ramalho Ortigão, «uma das condições da aposta era que o leque seria escrito pelos amigos com quem Eça de Queiroz tinha de vir almoçar ao Porto»¹. Eram esses amigos o próprio Ramalho, Antero de Quental, Oliveira Martins e Guerra Junqueiro. Almoçaram no antigo Palácio de Cristal, fizeram-se fotografar em conjunto e todos eles autografaram o Leque dos Cães, hoje desaparecido, com textos curtos sob a epígrafe «Os Latidos» e assinado pela «Matilha».

O resultado do divertimento estival foi publicado, um ano depois, na revista Ilustração, dirigida em Paris por Mariano Pina, com uma gravura do «Grupo dos Cinco», e havia de servir de pretexto para uma carta que, não encetando o namoro entre Eça de Queiroz e Emília de Castro, marcava o momento em que os dois noivos começavam a conhecer-se melhor através da correspondência trocada. D. Emília confessava não poder olhar para o retrato da revista «bem fita»: afinal, um dos sábios, «o

¹ V. *A Ilustração*, n.º 20, Paris, 20 de Setembro de 1885, pp. 282-283.

nosso antigo Sr. Queiroz» era agora o seu noivo, «que não fui capaz de encarar a sangue frio»², confissão de afecto, recatada e tímida, ajustada às regras de namoro da época. Eça não deixa de sentir uma ternurenta graça pelas palavras da noiva, e responde-lhe, com um humor que disfarça a emoção, numa recordação de verões na Granja e na Costa Nova – desses cinco, por ela cognominados sábios, ele era o primeiro, mas chamar-lhe sábio, a ele «simples artista, é como chamar a uma catedral um dicionário»³.

Até ao casamento, em 10 de Fevereiro de 1886 na capela do palácio de Santo Ovídio no Porto, pertença dos Condes de Resende, Eça de Queiroz e D. Emília de Castro trocaram numerosas cartas e bilhetes, num crescendo de cumplicidade e afeição que se prolongou nas centenas de missivas cruzadas durante os anos de matrimónio, até à morte do escritor. Para além dela, ficaram os testemunhos de Emília aos amigos mais próximos – mas esse é um tempo cujo relato não cabe neste livro, apresentação da filha do escritor dos momentos de intimidade que ele viveu entre os seus.

D. Maria d'Eça de Queiroz, filha primogénita do casal, decide em 1949 publicar cartas íntimas de seus pais, depois de, quatro anos antes, durante as comemorações do centenário de nascimento de Eça de Queiroz, no frenesi editorial, terem surgido vários ensaios apresentando teses parciais relacionadas com o carácter do escritor. Uma das que pareceu mais gravosa aos filhos, uma vez que se alongava nas considerações sobre a relação matrimonial de seus pais e mesmo sobre as razões para essa relação, foi a biografia escrita por João Gaspar Simões, Eça de Queiroz – o homem e o artista, da editora lisbonense «Dois Mundos».

² Cf. Eça de Queiroz e Emília de Castro. *Correspondência Epistolar* (organização, introdução e notas de A. Campos Matos). Porto: Lello & Irmão Editores, 1995, p. 74.

³ *Ibidem*, p. 86.

Gaspar Simões designava a relação conjugal de Eça e D. Emília por Mariage de Raison, ora escudando os seus argumentos em motivos de ordem económica e social (Emília de Castro seria uma das herdeiras dos bens de uma das famílias mais nobres do reino), ora invocando as idades dos noivos, projectas para o matrimónio nesse final do século XIX (ela contava 28 anos e ele 40 à data do casamento), o que poderia significar que cada um deles constituiria uma tábuia de salvação para o outro durante a velhice. Recorria aos primeiros anos da vida de Eça de Queiroz, passados longe da mãe, para traçar o carácter de frieza de um homem «incapaz de amar», sujeitando a personalidade do escritor a traços de sociopatia, encontrando apenas cinismo e hipocrisia nas cartas em que Eça anunciou a amigos e conhecidos o seu noivado com Emília de Castro, estendendo-se, depois, num desinteresse do escritor pelos filhos, que nunca poderia ser real.

Eça de Queiroz entre os seus constituiu, na época em que foi dado ao público, uma reacção contra apreciações críticas que, durante muito tempo, haviam de fazer escola. Na Quinta de Vila Nova, em Santa Cruz do Douro, concelho de Baião – a mítica Tormes d’A Cidade e as Serras, hoje sede da Fundação Eça de Queiroz – D. Maria d’Eça de Queiroz conservava as cartas trocadas por seus pais. A apresentação pública dessas cartas, a manifestação de carinho entre os dois e os cuidados com os filhos, contrariava as teses surgidas em 1945. Maria d’Eça de Queiroz recatou a intimidade dos pais, escolhendo as cartas que lhe pareceram mais significativas para o seu propósito de repor a verdade, sem se exceder na exposição pública do casal e, mesmo assim, omitindo vastas passagens quando considerou que elas não seriam necessárias para o intuito. Critério de censura que hoje, por tudo querermos saber acerca do autor e do homem, parece condenável, invocando-se o próprio Eça sempre que se trata de justificar

uma publicação⁴, na época em que Eça de Queiroz entre os seus foi produzido, reflectia um pudor de filha quanto à relação de seus pais quando se tratava de abri-la a quem os desconhecia.

Intercalando o texto, com a colaboração de seu irmão António, que com ela assina a pequena nota introdutória, e porque esses seus, de Eça, mencionados no título, não se restringem ao pequeno núcleo caseiro, Maria d'Eça de Queiroz fala dos tios e dos avós, nas cartas cruzadas entre Inglaterra ou França, onde habitavam, e Portugal; nas visitas trocadas entre parentes e amigos; vai recordando a vida familiar – as casas de Paris, os passeios pela cidade, os veraneios nas praias, as brincadeiras com os irmãos – e o convívio com intelectuais e artistas portugueses e brasileiros que eram recebidos, informalmente, em casa do cônsul português. Ali se faziam sessões espíritas e sessões fotográficas; ali se experimentava a bicicleta e novas receitas de culinária; ali o escritor d'O Mandarim passeava vestido com a sua cabaia chinesa, improvisavam-se versos e peças de teatro familiar...

A escrita, as memórias, interrompem-se quando, a 16 de Agosto de 1900, Eça morre em Paris. Emília de Castro e os filhos regressam a Portugal. Maria d'Eça de Queiroz casará com seu primo, José de Castro, filho de Manuel, o 6.º Conde de Resende. Em herança irá caber-lhe a Quinta de Vila Nova. Nela guardará as suas memórias de um vulto que, à janela de Tormes, viu as serras, transferiu-as para a cidade, imortalizou-as.

⁴ «Ora quantos mais documentos se reúnem sobre um homem de génio como Hugo, mais completo se torna o trabalho crítico sobre a sua individualidade e sobre a sua obra. Para alargar e completar o conhecimento dos grandes homens, publicam-se-lhe as cartas, todos os papéis íntimos – até as contas do alfaiate.» Cf. Eça de Queiroz. *Textos de Imprensa IV* (da *Gazeta de Notícias*). Edição Crítica das Obras de Eça de Queiroz. Edição de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002, p. 345.

As Serras continuam a guardar as lembranças de Eça: em 1990 D. Maria da Graça Salema de Castro instituiu a Fundação Eça de Queiroz na casa onde viveu com seu marido, Manuel Benedito de Castro, e sua sogra, autora deste livro agora reeditado, homenageada pela reedição.

Não se pretende, nesta edição, empreender qualquer tipo de estudo crítico sobre a biografia, a personalidade ou a escrita de Eça de Queiroz, nem as de seus filhos. Em memória de D. Maria d'Eça de Queiroz não se alterou nenhum dos textos por ela escolhidos: mantiveram-se as suas opções editoriais, as escolhas dos trechos e as abreviações a que procedeu, o que em nada prejudica o conhecimento completo das cartas, uma vez que toda a correspondência entre Eça de Queiroz e Emilia de Castro foi já publicada na íntegra e o público tem-lhe fácil acesso. São essas outras palavras, as de quem com eles conviveu de perto, palavras que há muito tempo estão fora dos circuitos editoriais, que aqui se quiseram reproduzir, juntamente com as imagens que as ilustram e nos aproximam mais e mais de Eça de Queiroz.

Tormes, 16 de Agosto de 2012

Irene Fialho

Não foi sem longamente termos pensado, nem, hoje, sem funda emoção, que nos resolvemos a dar ao público cartas íntimas do nosso Pai.

Se o fazemos, não é no intuito de satisfazer curiosidades, nem de alcançar êxitos literários, mas unicamente para dar a conhecer o homem que era Eça de Queiroz.

Não são histórias ou recordações que vamos dar à estampa, não são ilusórias imaginações ou piedoso embuste de filhos que desejam reabilitar a memória de seu Pai.

Nada disso! O nosso Pai não precisa de reabilitação. É ele mesmo que vai falar, e falar de um modo insuspeito, com as cartas que se seguem, todas dirigidas a nossa Mãe.

Aí não existe literatura, não há artifício, nem ele teve, ao escrevê-las, a mais leve suspeita de que, um dia, olhos curiosos devassariam o que fora escrito apenas para uns olhos.

O receio de profanar, se assim se pode dizer, essa coisa sagrada – cartas de noivo para uma noiva, de marido para sua mulher – fez-nos hesitar; decerto ele não gostaria, decerto acharia desnecessário esse estendal dos seus mais íntimos sentimentos.

Mas o que ele também não podia suspeitar é que um dia a discussão se elevasse tão acérrima ao redor da sua personalidade, que a esquartejassem, a despissem de toda a verdade e a

deixassem desfigurada, por vezes enlameada, caluniada, para assim ficar pelos anos fora.

A dor amarga, e a surpresa, que nos tem causado tão estranha maneira de engrandecer um artista, a absoluta certeza de poder reivindicar para o nosso Pai qualidades e virtudes que muitos ambicionariam, fizeram-nos sair de uma reserva natural, herdada de nossos Pais – por vezes bem mal compreendida, e oferecer à consciência pública o nosso íntimo tesouro.

Mais do que ninguém tem o artista o cœur innombrable de que fala o poeta, porque cada personagem por ele criado contém uma fibra desse imenso coração, de outra forma não podia viver.

Para erguer a sua longa galeria de figuras inesquecíveis teve Eça de Queiroz de trabalhar, de lutar e sofrer – e tão bem o fez, tão amavelmente esboçou, cuidou, aperfeiçoou, dando-lhes alma, fala e movimento, que cada uma tem vida própria, e que diversas se podem gabar de encerrar em si um pouco de Eça de Queiroz.

Diversas, porque tão diferentes são elas, tão altas umas, tão objectas outras... como crer que o seu autor pudesse encarná-las, a todas?

Por maior que fosse o seu coração não podia conter tanta beleza a par de tanta infâmia. Seria demasiado, seria impossível!

O que é lícito supor é que um coração tão vasto, um espírito tão lúcido, conheceram e compreenderam que sentimentos de toda a ordem, guiam e regem o universo, e ele tocou na lama sem se enlamear, acotovelou baixezas sem se misturar, e soube guardar intacto, puro, compassivo, um grande coração onde albergou a mulher e os filhos, a família e os amigos e ainda toda a pobreza e miséria que lhe bateu à porta.

Para discutirem a obra do escritor não faltam escribas ou críticos; para mostrar o seu coração estão aqui os dois filhos que restam e seis netos que veneram a sua memória.

Sobre esses dois filhos recai a responsabilidade desta publicação. Um animou, decidindo e auxiliando; tocou ao outro – a

filha – a tarefa doce e dolorosa de fazer reviver o passado, recordando o Pai até ao dia da sua morte, dia em que lhe pareceu, então, ter acabado toda a alegria da terra.

Maria d'Eça de Queiroz
 António d'Eça de Queiroz

NOIVOS

«um desenho luminoso»

No Verão de 1885 trocava-se entre dois amigos, o Conde de Resende e José Maria d’Eça de Queiroz, um na Granja outro em Londres, uma correspondência íntima e de alto interesse para ambos.

Começou-a o Conde de Resende – e alcunhando-se de «amigo indiscreto», animava Eça de Queiroz, de quem adivinhara os sentimentos, a que os declarasse a sua irmã Emília.

Não tardou a resposta de Londres – longa, clara, comovida: *como tu queres generosamente ser «o amigo indiscreto», é meu primeiro dever fazer-te uma confiança completa. A minha afeição pela tua irmã não foi improvisada o ano passado, na Granja e na Costa Nova. Data de uma ocasião mais antiga, de quando eu te fui ver a Canelas. Mas o acolhimento que ela então me fazia era de mera amizade; eu mesmo não sabia se esse sentimento em mim teria estabilidade e duração... e aí está por que eu nem remotamente deixei transparecer a minha simpatia, e por que «não falei mais cedo» como tu dizes e lamentas.*

Sobre este tema continuava a carta até que terminava agradecendo ao amigo e dizendo-lhe a sua «imensa gratidão pela tua nobre, generosa intervenção».

Esta carta, datada de 28 de Julho, teve decerto resposta imediata porque a 15 de Agosto Eça de Queiroz escrevia novamente ao Conde de Resende:

Meu querido Manuel

Peço-te que entregues essa carta a tua irmã. Sabes de certo que ela me escreveu, e a adorável generosidade com que o fez. Não te posso dizer neste momento mais do que lhe digo a ela. Todas as belas palavras seriam supérfluas. Sinto-me muito feliz e muito grato. Se eu pudesse escutar só o desejo do meu coração, partiria para aí amanhã.

Essa nova felicidade que inesperadamente lhe surge, perturba-o – pede conselho: *Devo eu escrever a tua Mãe? Posso eu ocasionalmente escrever a tua irmã? Tem isto de ficar em suspens até que eu possa partir para aí? O coração tem os seus élanos, mas a vida tem também os seus cerimoniais. Que devo fazer? Tu que foste o amigo sublimemente indiscreto – sê agora o conselheiro generosamente avisado.*

A carta que Eça de Queiroz pedia ao Conde de Resende para entregar começava com elegante cortesia:

Londres, 15 Agosto 1885.

Minha Senhora

A sua carta não diz «nem de mais nem de menos». E se bem interpreto a sua natural e delicada reserva ela exprime um consentimento que me enche de uma incomparável felicidade e da mais absoluta gratidão. E neste momento, no meio desta grande emoção que me causa a repentina possibilidade que se unam os nossos destinos, eu só posso responder, sem mais palavras, ofertando-lhe a afeição e a dedicação de uma vida inteira.

Eça de Queiroz.

Nunca houve promessa mais fielmente cumprida! Foi sem dúvida a «afeição e dedicação de uma vida inteira» que ele consagrou àquela a quem escrevia, ainda com toda a cerimoniosa reserva, nessa manhã de Verão.

Não era uma declaração de apaixonado, uma frase de romancista, um remate elegante ou uma promessa vã – era a expressão mais verdadeira, profunda e sincera do seu coração.

Sem alarde ou protestos, sem juras ou exagero, dedicava simplesmente a sua vida.

Para o provar estão nestas cartas quinze anos de amor do mais puro e nobre quilate, de uma vida de perfeito entendimento, de íntima afeição, de constante carinho e desvelo, e da mais alta elegância moral.

Da Granja, o «amigo sublimemente indiscreto» consente em ser o «conselheiro generosamente avisado» e telegrafa a Eça de Queiroz o seu parecer – ao que este responde com nova carta, remetendo-lhe outra para a Condessa de Resende, sua Mãe. Era o pedido oficial.

Bristol, 30 Agosto 1885.

Minha Senhora

O afável acolhimento que sempre encontrei em V. Ex.^a, em relações que já contam bastantes anos – anima-me no momento em que procuro alcançar de V. Ex.^a o mais alto e mais precioso favor.

Não surpreenderei talvez excessivamente a V. Ex.^a dizendo-lhe que tenho por sua filha a Sr.^a D. Emília de Castro a mais séria e mais completa afeição. Possuo hoje algumas razões para crer que ela vê estes sentimentos sem desfavor: e é apoiado nesta confiança que eu venho implorar de V. Ex.^a, minha Senhora, a honra de me conceder

a mão de sua filha. Seria para mim a maior satisfação e a maior felicidade o ligar-me por estes laços mais estreitos e mais íntimos à família de V. Ex.^a – a que me prendiam já, tão carinhosamente, longos anos de leal amizade.

Ponho respeitosamente aos seus pés, minha Senhora, a homenagem da minha alta consideração.

Eça de Queiroz.

Na carta ao amigo confessa: «Por ora isto tem-me o aspecto de um desenho luminoso traçado no ar. Luminoso, sim, mas fluutuante no ar, e indefinido» e portanto no seu pedido à Condessa de Resende procura desta forma dar um tom oficial que permita «que tua irmã e eu nos escrevamos de vez em quando *pour nous envoyer un petit salut d'amitié*. Porque seria fantástico que permanecêssemos todo este tempo num silêncio solene – como se faz em países muçulmanos; e ainda em países muçulmanos, os *fiancés* correspondem-se por meio de ramos de flores.»

Eça de Queiroz, nessa data (1885), já não era o rapaz muito novo que encetando a sua carreira de cônsul na Havana recebia do Pai, o austero juiz Teixeira de Queiroz, umas linhas que diziam: «Não sei quando secarão as lágrimas que por ti tenho chorado desde que partiste...» Os anos tinham passado, habituara-se, embora sempre com saudades, a viajar, a viver no estrangeiro, essa vida de solteirão que não tem de dar contas a ninguém. Conhecera, sob diversos céus, homens e mulheres de língua e costumes estranhos aos seus.

Soubera ver, conhecer e sentir, apreciando ou rejeitando. Era já um romancista ilustre, lido avidamente, aplaudido com entusiasmo por uns, acerbamente criticado por outros.

Podia, sem dúvida, ter posto ao serviço dos seus sentimentos a magia da sua pena elegante e tecer uma fantasia apaixonada e brilhante para deslumbrar a sua noiva portuguesa.